

A cidade como nó de informação

The city as information knot

por [Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira](#)

Resumo: Ressuscitar a ideia da cidade como espaço fundamental da experiência humana, propiciadora de contatos e intercâmbios é tarefa mais do que urgente. Cultura e Informação têm papel de relevo nesse desafio. A tendência à retirada dos espaços públicos para o refúgio doméstico, hoje redimensionado pelas conexões possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet, é fator a impedir os encontros, os confrontos e diálogos, o que gera maior dificuldade para conviver com a diferença, elemento central para a consolidação democrática. Os nós de informação configuram-se em pontos de convergência e conexão de redes e fluxos, constituindo-se em formas de vinculação que se criam a partir de diversas dinâmicas entre atores. As cidades devem converter-se em nós de informação, onde os fluxos desterritorializados se materializem em diálogo.

Palavras-chave: Informação; Cultura; Diversidade cultural; Espaço público; Cidade; Nó de informação.

Abstract: Resurrect the idea of the city as a fundamental human experience space, propitiator of contacts and intercourse, is an urgent task. Culture and Information have a relevant role in this challenge. The tendency to retreat from the public spaces to the domestic refuge, resized today by the connections enabled by the new communication and information technologies, chiefly by the internet, is a limiting factor preventing the meetings, confrontations and dialogue, what generates a higher difficulty to cohabit with the difference, central element to the democratic consolidation. The information knots are configured in convergence crossroads and net and flux connections, being constituted in entailment forms created from diverse dynamics between actors. The cities must be converted in information knots, where the no territory fluxes can be materialized as dialogue.

Keywords: Information; Culture; Cultural diversity; Public space; City; Information knot.

Introdução

As cidades são os espaços onde a complexidade dos processos contemporâneos se manifesta de maneira mais visível. No território da cidade se dá a cultura ao vivo a partir dos encontros, confrontos, interações, interseções, interconexões, reivindicações. [Henri Lefebvre](#) em seu clássico livro *O Direito à Cidade*, destaca que tal direito expressa uma relação orgânica entre o individual e o coletivo a partir da ideia de que a vida urbana "*pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos dos modos de viver, dos 'padrões' que coexistem na cidade*" (1969, p.20).

O direito à vida urbana diz respeito à apropriação da cidade como lugar que se habita, obra de participação e criação coletiva, sobretudo hoje quando a lógica da vida urbana é a diversidade cultural, o que nos coloca permanentemente em contato com a diferença, a alteridade, nem sempre de maneira pacífica: os encontros e confrontos cotidianos têm mostrado que convivemos mal com tanta diversidade. A projeção da Organização das Nações Unidas, ONU para 2050 é a de que 65% dos 9 bilhões de habitantes do planeta morem em cidades, com níveis crescentes de desigualdade e pobreza urbana. O crescimento das cidades está ligado às novas dinâmicas advindas com o processo de globalização, configurando uma nova geopolítica global em que todas as sociedades são interdependentes. Tal dinâmica paradoxalmente recentraliza as cidades: o neologismo "*Glocal*", apesar de seu desgaste prematuro, ainda se mostra pertinente.

O processo de globalização que transborda fronteiras, gera deslocamentos e desterritorializações, enfatiza diferenças, desigualdades e desconexões, acentuando e expondo a diversidade cultural e a

necessidade de ampliação das esferas onde tal diversidade possa se expressar e lutar por reconhecimento na arena pública. Tal pressão tem sido exercida de maneira crescente através da ação direta dos indivíduos, o que se dá na ação local, na dimensão de proximidade, onde soluções podem ser buscadas, experimentações podem ser propostas e concretizadas.

Na esteira do pensamento de Octavio Ianni, a globalização pode ser definida como a concretização do novo ciclo de expansão do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial, abarcando a totalidade do globo de forma complexa e contraditória. Não significa a homogeneização do globo, mas uma nova configuração em que a diversidade, a interculturalidade, as desigualdades, as tensões, as conexões, os nacionalismos, os fundamentalismos, xenofobias e etnicismos, moldam a face de um mundo em que todos os indivíduos, onde quer que estejam, percebem a dimensão global da sua existência. As tramas tornaram-se mais complexas. Novos desafios estão colocados.

Com o papel protagonista que as cidades assumem na atual configuração do globo, a imbricação entre diversidade cultural e direitos humanos surge como eixo determinante para a consolidação de sociedades democráticas, chamadas a responder a demandas crescentes de contextos interculturais, complexos e conflituosos. A redução do plural ao uno é o primeiro adversário da democracia, defende Todorov. Ressuscitar a ideia da cidade como espaço fundamental da experiência humana, propiciadora de contatos e intercâmbios é tarefa mais do que urgente, bem como redesenhar a vida cotidiana, a esfera pública, novos modos de estar e usar a cidade. Cultura e Informação têm papel de relevo nesse desafio.

Como expus em trabalho anterior a partir das reflexões de Richard Sennett em *The conscience of the eye*, é necessário ressuscitar a realidade externa como uma dimensão fundamental da experiência humana já que os contextos urbanos atuais assombram os sujeitos, temerosos pelo contato com os outros, desestimulados pela vivência coletiva. A tendência à retirada dos espaços públicos para o refúgio doméstico, hoje redimensionado pelas conexões possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet, é fator a impedir os encontros, os confrontos e diálogos, o que gera maior dificuldade para conviver com a diferença, elemento central para a consolidação democrática. Estrangeiros não são apenas aqueles oriundos de lugares longínquos, desconhecidos, mas os não reconhecidos como semelhantes.

Nas palavras de Zigmunt Bauman, no ambiente urbano marcado pela cultura multiforme e plurilinguística da era da globalização, *"as tensões derivadas da 'estrangeiridade' incômoda e desorientadora desse cenário acabarão, provavelmente, por favorecer as tendências segregacionistas"* (2009, p.43). Experiências compartilhadas têm potencialidade para reverter quadro tão segregador, avesso à noção de alteridade e impossibilitador da construção de espaços públicos, propiciadores de diálogos significativos. Como expõe Rogério Proença Leite, em seu artigo *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown, o espaço público, como local de dialógica interação política, "não se ergue na harmonia das falas, mas na comunicabilidade política do desentendimento, da qual emergem diferentes inteligibilidades sobre fatos iguais e torna factível a possibilidade democrática"* ([Bauman](#), 2002).

A globalização intensificou as redes de comunicação e informação através de inovações tecnológicas, constituindo fluxos de informação que vagam incessantemente pelo globo. Manuel Castells é enfático ao afirmar que *"nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital; fluxos de informação; fluxos de tecnologia; fluxos de interação organizacional; fluxos de imagens, sons e símbolos"* ([Castells](#), 2008, p.501). Não se constituem, portanto, em elemento organizacional da

sociedade atual, mas sua expressão dominante. O espaço de fluxos materializa as práticas sociais que funcionam, elas também, por meio de fluxos, a partir de três camadas de suportes materiais: um circuito de impulsos eletrônicos; os nós e centros de comunicação, que conectam as redes; a organização espacial das elites gerenciais dominantes. Ainda segundo o autor, o nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Objetivamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos.

O potencial democrático aberto pela internet tem sido sublinhado por diversos autores. Destaco os trabalhos de *Saskia Sassen e Arjun Appadurai* que compreendem tal fenômeno a partir da dimensão cultural da globalização. O espaço eletrônico é um elemento crucial para que se configurem as novas formas de participação cidadã, anota [Sassen](#) (2005). Appadurai, por sua vez, em seu livro *O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva* é enfático ao afirmar que o processo de globalização “*exacerba as condições de violência em larga escala porque produz um potencial curso de colisão entre as lógicas da certeza e da incompletude, cada uma delas tendo suas próprias força e forma*” ([Appadurai](#), 2009, p.18), além da crescente produção da desigualdade.

Nessa nova configuração, convivem e se chocam dois sistemas de alcance global: Vertebrado e Celular. O exemplo mais marcante do primeiro é o moderno estado-nação, estruturado, com suas organizações e instituições. O sistema celular é um novo tipo de organização política, fruto não apenas do processo de globalização, mas do desenvolvimento tecnológico. Fluxos de dinheiro, armas, informação, pessoas e ideologias geram simultaneamente terror, desigualdade e solidariedade. Capitais circulam rapidamente e aproveitam a potencialidade dessa rapidez; o terror se organiza e age a partir de lugares distantes, atacando os centros de poder; narcotraficantes circulam seus produtos sem discriminação de território. “*Ligadas, mas não gerenciadas verticalmente; coordenadas, porém notavelmente independentes, capazes de se multiplicarem sem o recurso a estruturas centrais de comunicação*” ([Appadurai](#), p.31), as redes também têm outra face, que se apresenta a partir de grupos e indivíduos da sociedade civil mobilizados, que criam novas formas de solidariedade, defende.

Acrescentaria a essas formas mais solidárias, expostas por Appadurai, as mobilizações que acontecem ao redor do globo a partir de redes que se aglutinam via internet e que se consubstanciam em ação concreta no território da cidade. Desde a ação dos Zapatistas no México, iniciada em 1994, passando pelos movimentos antiglobalização neoliberal, como Seattle, Praga, Gênova, Washington, apresentaram novos desdobramentos no mundo árabe a partir das manifestações iniciadas nas ruas da Tunísia em dezembro de 2010, seguindo para a Praça Tahir, no Cairo, além da Líbia, Argélia, Sudão, Jordânia, Iêmen, Iraque, entre outros. Materializam as redes de informação e comunicação a partir da ação. Constituem-se em nó de informação que se concretizam no espaço da cidade.

Os nós de informação configuram-se em pontos de convergência e conexão de redes e fluxos, constituindo-se em formas de vinculação que se criam a partir de diversas dinâmicas entre atores. Os fluxos desterritorializados convergem gerando os nós, que podem ser pensados (*também e não apenas*) como espaços de ação e reivindicação. Apesar da sociedade em rede, as pessoas ainda vivem em lugares, territórios concretos. Fluxos desterritorializados, têm caráter descompromissado, volátil; os nós são a concretização fundamental para que se consubstanciem em ação.

A tecnologia tem possibilitado o aumento crescente de acesso aos estoques de informação. Contrapondo-se ao fluxo desterritorializado e globalizado, o espaço local expressa a dualidade entre a cultura direta, presencial, e a cultura tecnológica, sem território definido. Segundo Smit e Barreto, “*os espaços sociais não são homogêneos como o processamento técnico dos estoques de informação. A realidade, em que se pretende que a informação atue, é multifacetada e formada*”

por micronúcleos sociais com divergências profundas." ([Smit e Barreto](#), 2004, p.15) A informação é apropriada no nível local, gerando conhecimento e servindo como dinamismo para a ação.

O reconhecimento dos sujeitos em sua diversidade e a garantia de sua participação na vida pública são elementos definidores da democracia, o que significa o fortalecimento do espaço público e o incremento do debate político. Em outras palavras, informação, diálogo e comunicação são inerentes à prática democrática. A informação pode ser compreendida, dessa forma, como elemento essencial para o desenvolvimento do sujeito, com potencial para o desenvolvimento social, o que exige compartilhamento, interação, trocas recíprocas. A ponte entre o individual e o coletivo constrói-se na interação real. Nessa vertente, é preciso trabalhar pela presença, adensamento e ampliação da diversidade na esfera pública. As cidades devem converter-se em nós de informação, onde os fluxos desterritorializados se materializem em diálogo. A cidade como nó de informação potencializa a produção do conhecimento, a geração de informação e a ação a partir da diversidade.

"A apropriação da informação e a sua transformação em conhecimento por parte dos cidadãos são um ato cultural. Portanto, o acesso sem distinções aos meios de expressão, tecnológicos e de comunicação e a constituição de redes horizontais fortalecem e alimentam a dinâmica das culturas locais e enriquecem o acervo coletivo de uma sociedade que se baseia no conhecimento" ([Agenda 21 da Cultura](#), 14º Princípio).

O texto acima compõe um dos princípios da [Agenda 21 da Cultura, aprovada em Barcelona](#) em maio de 2004, por cidades e governos locais de todo o mundo, como documento orientador das políticas públicas de cultura, percebida como eixo fundamental para o desenvolvimento humano. Uma premissa chave do documento toma as cidades como os espaços onde a globalização se manifesta com mais clareza, já que as consequências desse processo são mais perceptíveis no nível local. Os governos locais, *"são porta-vozes da cidadania mundial e manifestam-se a favor de sistemas e instituições internacionais democráticos"* ([Agenda 21 da Cultura](#), 4º Princípio).

Comprometida com os direitos humanos, a diversidade cultural, a sustentabilidade, a democracia participativa e a criação de condições para a paz, A [Agenda 21 da Cultura](#) se configura em 16 Princípios; 29 Compromissos e 22 Recomendações. A transparência informativa e a participação cidadã constituem-se em princípios para um bom governo, sustentando o desenvolvimento cultural que se apóia na multiplicidade de agentes culturais. Da mesma forma, a perspectiva de que *"as cidades e os espaços locais são ambientes privilegiados de elaboração cultural, que estão em constante evolução e constituem os âmbitos da diversidade criativa, onde a perspectiva do encontro de tudo aquilo que é diferente e distinto torna possível o desenvolvimento humano integral"* ([Agenda 21 da Cultura](#), 7º Princípio).

Reafirmando o anteriormente exposto, é necessário fortalecer a ideia da cidade como espaço de encontro, confronto e diálogo, revertendo a tendência atual à retirada dos espaços públicos para o refúgio doméstico, que ganha novas dimensões pelas conexões possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet, gerando maior dificuldade para conviver com a diferença, com a diversidade, elemento central para a consolidação democrática. A razão de ser da democracia é o reconhecimento do outro. A cidade deve ser repensada como o espaço fundamental da experiência humana, que propicia a ação conjunta a partir do permanente exercício de reconhecimento dos outros. Cultura e Informação são eixos estruturantes dessa ação.

Experiências compartilhadas têm potencialidade para reverter a segregação que caracteriza os contextos sociais contemporâneos, avessos à noção de alteridade, impossibilitando a ampliação da democracia. Os nós de informação são os espaços de convergência e de concretização para que as informações se consubstanciem em ação, configurando espaços públicos onde seja possível a construção de laços éticos propiciadores de diálogos significativos.

Bibliografia

- AGENDA 21 da Cultura. Acessível em http://www.agenda21culture.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=88&lang=pt
- APPADURAI, A. O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.
- BAUMAN, Z. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- IANNI, O. A era do globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LEFEVBRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, R. P. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.17, n. 49, Junho 2002. Acessível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200008&script=sci_arttext
- OLIVEIRA, L.M.B. Corpos Indisciplinados: ação cultural em tempos de biopolítica. São Paulo: BECA, 2007.
- SASSEN, S. 'Materialidades localizadas que abarcan un espacio universal'. In. Howard, P. e Jones, S. Sociedad on-line. Madrid: Editorial UOC, 2005, p.339-350.
- SENNETT, R. The conscience of the eye: the design and social life of cities. New York: Knopf, 1990.
- SMIT, J. e BARRETO, A. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. IN: VALENTIM, M. L.(org) Atuação profissional na área da informação. São Paulo: Polis, 2004.
- TODOROV, T. Os inimigos íntimos da democracia. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

Sobre os autor / About the Author:

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira

mbol.lucia@gmail.com

Professora Doutora e docente e pesquisadora do PPGCI da ECA, USP.